

## FOLHA INFORMATIVA

*24-2017 / Outubro*

### VIAGEM DE CANOA ATÉ LISBOA, DESCIDA DO TEJO



«Partimos na quinta-feira, dia 10 de agosto de 2017. Queríamos sair da barragem de Cedillo e continuar até Lisboa, fazendo-o sem carro de suporte e sem ajudas externas. Queríamos fazê-lo assim para "mergulhar" na viagem, sem conforto excessivo e para conhecer a envolvente ribeirinha e as suas gentes. (...)

A primeira contrariedade surgiu ao passar pela barragem do Fratel, que seria o nosso primeiro momento marcante, por termos que carregar o nosso caiaque e todo o equipamento. (...)

É necessário dizer que somos apenas fãs da canoagem e não tínhamos uma grande preparação para esta viagem, embora tivéssemos uma forma física aceitável. Sabíamos que teríamos que remar aproximadamente 7 a 9 horas todos os dias, tal como aconteceu.» (...)

### **ÍNDICE**

VIAGEM DE CANOA ATÉ LISBOA, DESCIDA DO TEJO .....	2
ANEXO FOTOGRÁFICO .....	16

Partimos na quinta-feira, dia 10 de agosto de 2017.

Queríamos sair da barragem de Cedilho e continuar até Lisboa, fazendo-o sem carro de suporte e sem ajudas externas. Queríamos fazê-lo assim para "mergulhar" na viagem, sem conforto excessivo e para conhecer a envolvente ribeirinha e as suas gentes.

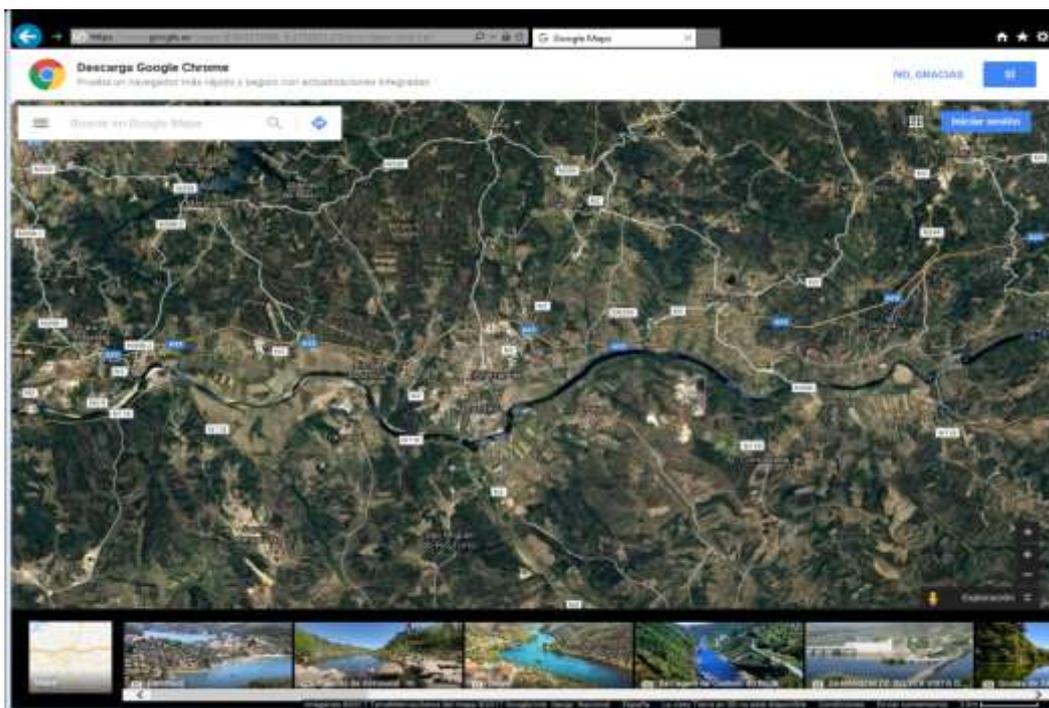


Preparativos para a viagem

A primeira contrariedade surgiu ao passar pela barragem do Fratel, que seria o nosso primeiro momento marcante, por termos que carregar o nosso caiaque e todo o equipamento. Vimo-lo e calculámos que teríamos demasiadas dificuldades para duas pessoas, já que o caiaque era duplo e muito pesado. E com a comida, a tenda, os sacos, o carrinho de transporte, etc. iríamos atrasar-nos bastante e com esforço excessivo.

Aproveitando o fato de que tínhamos carro fomos directamente para jusante da barragem de Belver e lá descarregámos tudo ficando, aí sim, com os nossos próprios meios para continuar.

É necessário dizer que somos apenas fãs da canoagem e não tínhamos uma grande preparação para esta viagem, embora tivéssemos uma forma física aceitável. Sabíamos que teríamos que remar aproximadamente 7 a 9 horas todos os dias, tal como aconteceu.

**Primeira etapa: Barragem de Belver - Constância (cerca de 36 kms.)**

Percurso da primeira etapa, assinalado a preto (Fonte: *Google Maps*)

Como acontece com frequência, no dia seguinte, depois do amanhecer, descobrimos que não cabia nem metade da bagagem nos compartimentos da canoa e, por isso, tivemos que carregar sacos, colchões<sup>1</sup>, carrinho, etc. amarrados na coberta da mesma. Isso prejudicava a estabilidade, mas já não havia remédio.

Com grande esforço conseguimos levar tudo e colocar logo a jusante da barragem de Belver. Ali, num primeiro contacto, um senhor e uma senhora idosa que pareciam viver ali perto animaram-nos e aconselharam-nos a navegar pelo lado esquerdo do rio porque havia alguns pequenos rápidos.

---

<sup>1</sup> Telas de espuma, enroladas.



*... tivemos que carregar sacos, colchões , carro, etc. amarrados na coberta da mesma*

Assim o fizemos e começou um dia maravilhoso, com o rio correndo com alguns rápidos sem grande dificuldade e com muita alegria da nossa parte.

Chegamos a Alvega e lá, no cais, um jovem com um cachorro interessou-se pela viagem. Ficámos muito impressionados quando lhe perguntámos sobre a povoação e ele disse que era "Aritius vetium", onde Viriato se casou. Pareceu-nos uma informação muito interessante, talvez por coincidência ou talvez como prova do conhecimento histórico de muitos portugueses pela sua terra. Disse-nos também de uma forma muito amável como passar alguns rápidos que apareceriam e, quando retomámos a viagem, conseguimos passar alguns embora no final nos virássemos e fomos à água. Como tudo estava bem amarrado, não tivemos dificuldade em sair, esvaziar e continuar a viagem. O nosso assombro e a nossa surpresa foram enormes porque o rio estava a correr limpo, não como em Espanha que está represado e morto. A diferença é abismal: aqui cheira a limpo e pelo menos exteriormente parece ser assim; enquanto em Espanha é escuro, cheira a putrefacção e não tem vegetação nas suas margens.

A partir daqui a jornada decorria placidamente até a uma pequena represa na qual, para não carregar o material, tentámos passar com a consequência de que fomos novamente à água. Voltamos a retirar a água e continuámos até chegar a Abrantes à hora de almoço. Embora o rio não levasse um caudal expressivo foi suficiente para passar e nas zonas

ajardinadas desta bela localidade amarrámos o caiaque para aproveitar e para conhecer a gastronomia da zona.

No momento em que partíamos, apareceu um carro e acercou-se uma pessoa directamente até nós: pensámos que tínhamos feito algo de errado, mas era o Rui Manuel Vale Rodrigues. Não o conhecíamos e apresentou-se muito educadamente afirmando que era de uma Associação de Conservação do Tejo e que vinha ver-nos porque tinha visto como desembarcámos. De uma maneira afável, perguntava e aconselhava sobre o rio e o itinerário. Disse-nos que na Associação faziam a descida com barcos tradicionais do Tejo, em madeira. Acompanhou-nos a um restaurante e partiu.



Na cidade de Abrantes

Como estávamos preocupados com o caiaque e com a bagagem fui até lá enquanto traziam a comida. O Rui voltou de novo e conversámos. Disse-me que conversara com o presidente da *Confraria Ibérica do Tejo* e, caso precisássemos de alguma coisa, informou-nos do telefone, redes sociais, etc. para entrar em contacto se tivéssemos alguma emergência.

De novo a amabilidade transbordante, a boa educação e o interesse das pessoas nos maravilhavam. Pediu-nos um texto com as nossas impressões sobre a viagem em caiaque para publicá-lo nos seus meios de comunicação e prometemos fazê-lo chegar

porque achamos que isso pode ser benéfico para desenvolver o contacto e o interesse dos cidadãos pelo seu rio.

Estamos encantados pela beleza do rio, pela sua navegabilidade nesta altura e pela simpatia de todos. Até este momento, a única coisa negativa é a grande quantidade de incêndios que devastam a região. Vêem-se, cheira-se o queimado e dói-nos a alma por pensarmos em tudo o que se perde e na beleza que desaparece.

Ao sair de Abrantes, há uma pequena barragem que nos levou dolorosamente duas horas para passar. O problema é a grande quantidade de bagagens que carregamos, o que faz com que quase não possamos transportar a canoa e uma pequena deslocação exige-nos um grande esforço.

É por isso que esta tarde o rio nos parece "estranho". Não sabemos se é por causa da fadiga acumulada porque, embora continue muito bonito, está com pequenas ondas espumosas e também com muito vento contra.

No final da tarde chegámos a Constância, para nós uma das "jóias da coroa". Constância é pequena, recatada, muito acolhedora e com um afluente que, quando chegámos, corria com força e enchia o rio. Não esperávamos ver tudo tão cuidado e tão perfeito. Há até um estaleiro artesanal de embarcações do Tejo, localizado na margem, e qual não foi o nosso espanto ao descobrir que existe um parque de campismo. Assim que descarregámos lá fomos nós: descansar e recuperar forças num dos preciosos restaurantes.

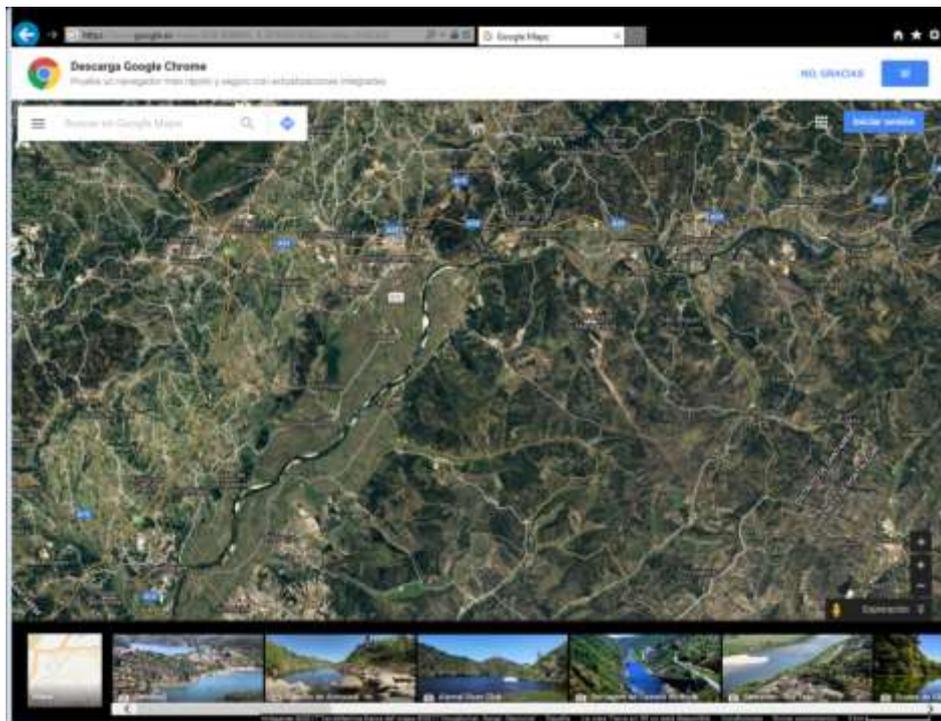


Um aspecto do pequeno estaleiro naval de Constância



Constância, terra de Luís de Camões, poeta nacional do século XVI

**Segunda etapa: Constância - Ribeira de Santarém (cerca de 48 kms)**



Percurso da segunda etapa, assinalado a preto (Fonte: *Google Maps*)

De manhã, já muito mais recuperados, com muita vontade e mais animados saímos, querendo chegar ao Castelo de Almourol que dizem ser o local onde esteve o rei Wamba (a história está entretecida entre os nossos países).



Chegada ao castelo de Almourol

O rio corria suave e sem contratempos, agradável e manso.

A partir daqui houve que remar até chegar à Chamusca, por uma zona tranquila e sem acidentes. Quando lá chegámos, amarrámos tudo na margem e tivemos que atravessar uma canteira de cascalho e pular uma cerca para chegar ao povoado.

Depois de almoçarmos, voltámos preocupados com as coisas e percebemos que tínhamos deixado tudo ao lado de um acampamento de ambulantes, embora nada tivesse acontecido. Quando saímos, não sabíamos que provavelmente seria uma das tardes mais agradáveis para remar. O rio estava absolutamente cristalino, corria um pouco e os fundos e os bancos eram, em muitos casos, de areia dourada.

Como aspecto negativo vimos nesta área *jacintos de água* (*Eichhornia crassipes*) uma planta invasora que sabemos que tem ameaçado outros rios como o Guadiana.

Avançámos muito e muito felizes, embora pouco a pouco as "línguas" de areia fossem mais numerosas e perdêssemos fundo, pelo que às vezes tivéssemos que sair e puxar a canoa. No final, chegámos ao que pensávamos ser Santarém e Ribeira de Santarém, sendo já bastante tarde.

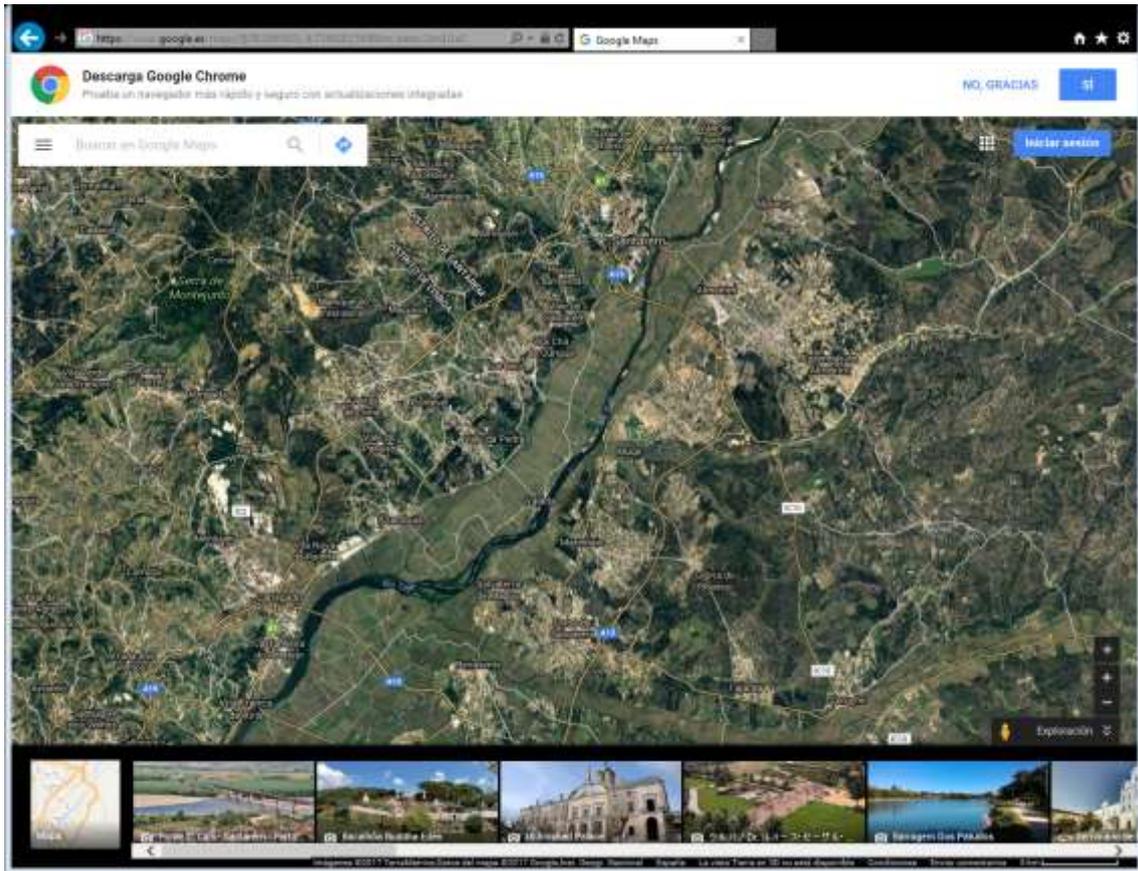
Aqui não havia nada na margem e já estávamos a pensar em dormir ali quando vimos uma nave com uma placa a identificar "Centro Náutico Scalabitano" e perguntámos se poderíamos guardar a canoa para encontrar um lugar para jantar e descansar. Miguel, o director do centro, mostrando igualmente uma excelente hospitalidade, ofereceu-nos as instalações e até nos levou a Santarém para que conhecer a cidade.

A realidade supera a ficção: na verdade pensamos que, se duas pessoas desconhecidas chegam e encontram as instalações fechadas, não é normal oferecerem-se todas as facilidades para que se sintam bem, para descansar e recuperar, como fez Miguel e a sua esposa que nos mostraram novamente o melhor lado das pessoas aqui.



No Centro Náutico Scalabitano, em Santarém

No dia seguinte, Miguel e a sua esposa vieram-nos dizer adeus e até nos deram uma garrafa de vinho daqui. Que pena que não pudéssemos pelo menos oferecer-lhes um presente!

**Terceira Etapa: Ribeira de Santarém - Vala do Carregado (42 kms)**

Percurso da terceira etapa, assinalado a preto (Fonte: *Google Maps*)

Preocupado com a possível falta de água no Tejo, partimos com a intenção de chegar a Valada onde, disseram-nos, as marés já serão notadas.

Remámos bem e passámos por duas terras, uma em frente à outra, como uma cópia reflectida no rio que não tinha ponte. Depois outro canoísta disponibilizou-nos o Clube, de novo, para deixar a canoa se precisássemos! Espectacular as pessoas que conhecemos.

Vamos passando por povoados até chegar a Valada. Esta tem uma praia com área portuária para veleiros, Motos-de-Água, etc. Ali, comemos num restaurante localizado na mesma praia (comida e doces típicos da localidade de que não lembramos o nome) e depois saímos para remar.



*... ir num rio frondoso como o Amazonas, com recantos cheios de vegetação...*

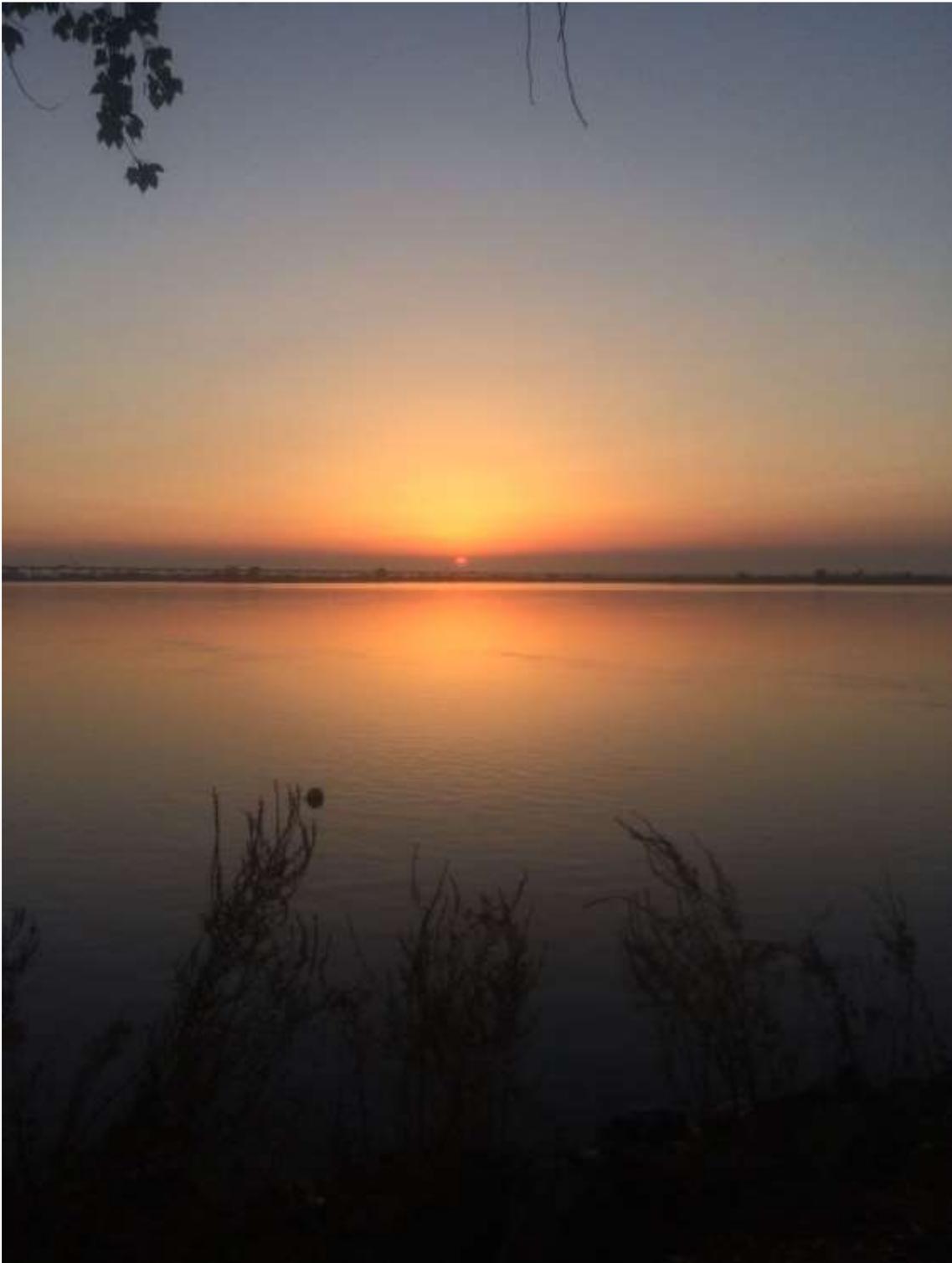
A ignorância tem custos e, embora as primeiras horas da tarde fossem lindas (como ir num rio frondoso como o Amazonas, com recantos cheios de vegetação), pouco a pouco percebemos que a corrente subia e vinha contra. Ao mesmo tempo, o rio aqui tem muita largura e há ondas e ventos contrários: uma tarde calma tornou-se num inferno com o esforço!

As últimas duas horas foram infernais e não havia lugar para sair do rio: a vegetação era densa e alta e não tivemos escolha senão continuar.

No final, ouvimos música e saímos da água num sítio com um piquenique. Havia aí uma grande festa, com várias famílias que, com música, comida e bebida pareciam celebrar um aniversário. Em uma local reservado e perguntámos se havia um sítio por perto para podermos comer. Disseram que não, mas novamente nos ofereceram jantar e lá jantámos com Toni e a sua família.

Jantámos com toda a família, que foi muito amigável e acolhedora, e disseram-nos que estavam a restaurar o lugar para tentar fazer ali um bar e por isso estava tudo fechado.

No final do jantar, deram-nos uma camisola de seu novo "CHOPPER BAR", que esperamos que seja bem-sucedido. Soubemos por eles que estávamos na Vala do Carregado. Mais uma vez as pessoas deslumbravam-nos com a sua amabilidade.



Pôr-do-sol perto da *Ponte da Lezíria*, em Benavente

Montámos a tenda no exterior e, embora a festa continuasse até tarde, pudemos descansar porque o dia tinha sido muito difícil.

Consultámos a tabela de marés para apanhar, desta vez sim, a maré na descida, porque se queríamos chegar a Lisboa não poderíamos perder um segundo.



Perto da *Ponte da Lezíria*, em Benavente

#### **Quarta etapa: Vala de Carregado - Lisboa (cerca de 33 kms.)**

Embora a maré alta fosse às 9h30, às 9h já estávamos a remar, pois receávamos enfrentar o rio como no dia anterior e desta vez no estuário.

Sabíamos que devíamos fazer mais de 30 km antes das 4 horas da tarde, porque se mudasse a maré não chegaríamos e, por isso, partimos quase sem falar e concentrados. Chegámos a Vila Franca de Xira, amarrámos a canoa sem a retirarmos da água, para tomar algo rapidamente e saímos novamente. A verdade é que remávamos como condenados porque não sabíamos o que íamos encontrar.

Navegámos muito bem e que alegria sentimos quando vimos os pilares da ponte Vasco de Gama! Não nos atrevíamos a acreditar.

Fomos pelo canal principal e qual não foi a nossa surpresa ao vermos ilhas de juncos cheias de aves, como garças, gaivotas e flamingos... era um espectáculo da natureza. Os peixes saltavam constantemente à nossa volta, atingindo-nos alguns na cara.

Ficámos entretanto surpreendidos por vermos que perdíamos fundo, muito embora estando a muitos quilómetros da ponte. Se não pudéssemos avançar ficaríamos presos e não poderíamos remar até que a maré não subisse de novo.

Continuámos sem parar e, pouco a pouco, chegámos perto da Ponte quase pelo centro e de imediato apontámos para o Parque das Nações. No centro do Tejo havia mariscadores. Já em Lisboa entrámos na Marina, pedimos permissão para deixar a canoa e, quando lhes dissemos de onde vínhamos, ofereceram-nos água, cerveja... e, claro, poderíamos deixá-la lá até a podermos levar de volta. Não nos cansamos de dizer da amabilidade das pessoas que conhecemos.



A passar junto da ponte Vasco da Gama, em Lisboa, no dia 14 de Agosto de 2017

Este rio Tejo, maravilha que vertebra um país como Portugal, enquanto que no outro é atacado e morto, mostra que pode ser um ponto de união entre ambos, se nos importarmos e vivermos junto dele.



Fim da viagem, em Lisboa, na Marina, no dia 14 de Agosto de 2017

Esta experiência maravilhosa permanecerá na nossa memória com um agradecimento imenso a todos os que nos ajudaram e ofereceram o seu apoio.

## ANEXO FOTOGRÁFICO







